

## **ABORDAGENS DA ARGUMENTAÇÃO NOS ESTUDOS DE LINGUÍSTICA TEXTUAL**

**Mônica Magalhães Cavalcante<sup>1</sup>**

monicamc02@gmail.com

**RESUMO:** Este trabalho pondera sobre as diferentes maneiras de lidar com as questões da argumentação na tradição dos estudos em Linguística Textual no Brasil, por isso discute as interfaces que a Linguística Textual vem fazendo com duas perspectivas teóricas da argumentação: a Teoria dos Blocos Semânticos e a Nova Retórica, além de refletir sobre como os estudos argumentativos perpassam abordagens do discurso e do texto. Ao cabo dessas ponderações, este artigo justifica por que a Teoria da Argumentação nos Discursos sustenta pontos de vista que se aproximam dos pressupostos teóricos da Linguística Textual e sugere que as unidades de análise do texto sejam consideradas como critérios analíticos na interpretação das escolhas linguísticas que evidenciam a orientação argumentativa e os embates discursivos nos textos.

**Palavras-chave:** abordagens da argumentação; estratégias de textualização; Linguística Textual; teoria da argumentação nos discursos.

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho se impõe uma tarefa árdua: definir-se por um posicionamento teórico e metodológico para análise de aspectos argumentativos no âmbito da Linguística Textual (LT). Esse estabelecimento de área não traduz uma reivindicação da LT como disciplina que teoriza sobre a argumentação, mas como uma disciplina que

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará; líder do grupo de pesquisa PROTEXTO.

sempre, e por diferentes conduções metodológicas, incluiu a argumentação como um pressuposto inegável e como uma motivação para a análise de diversas estratégias de organização textual.

O presente artigo se encontra dividido em dois momentos:

- no primeiro, comento sobre como algumas vertentes teóricas da argumentação vêm atravessando os estudos desenvolvidos por pesquisadores filiados ao GT da ANPOLL de Linguística Textual e Análise da Conversação;
- no segundo, defendo que alguns critérios de análise da LT podem viabilizar o empreendimento teórico proposto por Ruth Amossy, que articula princípios da Nova Retórica com pressupostos da análise do discurso.

## **1. PESQUISAS EM LINGUÍSTICA TEXTUAL EM INTERFACE COM TEORIAS ARGUMENTATIVAS**

Mapeei os estudos em LT que lidam com argumentação em mais ou menos quatro blocos, sobre os quais teço algumas considerações a seguir.

### **a) Primeiro bloco: os trabalhos que são orientados pela Teoria dos Blocos Semânticos**

A Teoria dos Blocos Semânticos é o desenvolvimento da Teoria da Argumentação na Língua, idealizada e descrita por Marion Carel e Oswald Ducrot. Aqui no Brasil, as pesquisas que aliam esses pressupostos a interesses da LT têm sido incrementadas por *Leci Barbisan, Telisa Graeff, Ana Lúcia Tinoco Cabral, Valney Veras da Silva*, dentre outros.

A perspectiva semântico-pragmática de Carel e Ducrot (ver, dentre outros, Ducrot, 1987; 1999; Ducrot & Carel, 2008; 2010) toma como ponto de partida *enunciados*, e todo enunciado só nasce no uso, por isso é, necessariamente, uma realidade empírica, aquilo que nós vemos e ouvimos.

Nesta teoria, cada enunciado é analisado como uma das manifestações da unidade abstrata a que chamam *frase*. Assim, a *frase* é uma entidade teórica que não pode ser observada, nem vista, nem ouvida, pois é pura abstração. Por esse prisma, a *língua* é um conjunto de *frases*, e a argumentação é analisada a partir dos encadeamentos entre segmentos de *enunciados*, para chegar aos valores semânticos da *frase*, ou seja, à sua *significação*. Fala-se em *encadeamento argumentativo* como uma sequência de dois segmentos. Por exemplo, como demonstram Barbisan e Graeff (2016 - neste mesmo volume), o segmento “*É perto*” pode ser encadeado *normativamente* com “*portanto Pedro pegou a bicicleta*”, mas poderia também ser encadeado *transgressivamente* com “*mesmo assim Pedro não pegou a bicicleta*”.

Como bem pontuam as autoras, a *significação*, que diz o que é preciso fazer para encontrar o *sentido do enunciado*, pode ser compreendida como um conjunto de *instruções* que permitem interpretar os *enunciados* das *frases*. A *significação* dá os esquemas de encadeamentos que parafrasearão essas *frases* e é constituída apenas por aspectos argumentativos. Já o valor semântico do *enunciado* corresponde aos *sentidos*, que são construídos no *discurso* pelas relações possíveis entre *signos/palavras*. É isso que dá o *valor argumentativo da linguagem*.

De acordo com Barbisan e Graeff, quando a interação acontece, o locutor relaciona *significações* entre palavras da *língua* e, assim, fornece *instruções* ao interlocutor, para que este, ao responder, dê continuação à *fala* do locutor. Por isso, para essa proposta teórica, o locutor faz uma descrição subjetiva da realidade, e os sentidos se constroem pelas *relações semânticas* entre *palavras* da *língua*, não pela exterioridade.

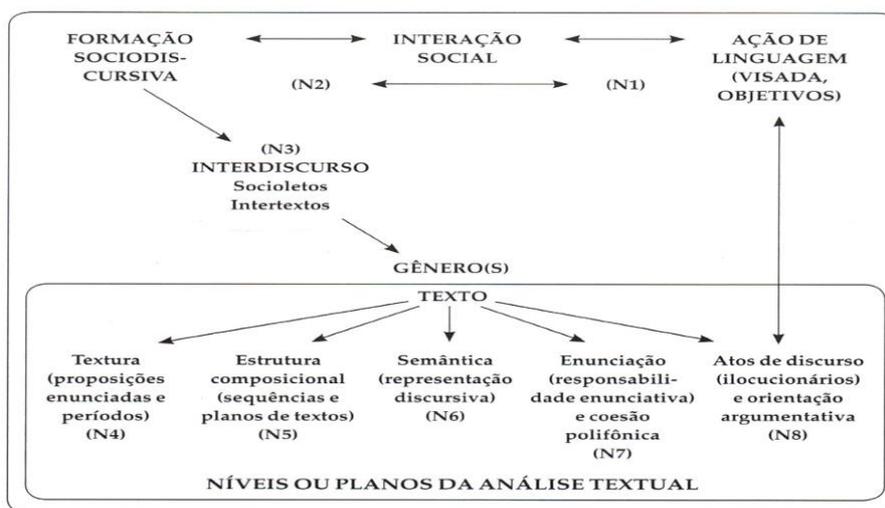
Essa concepção teórica da argumentação, a meu ver, pode dar a diversas abordagens do texto um forramento descritivo poderoso, e esta é a razão pela qual tem enriquecido alguns trabalhos na área de LT. Os membros do GT da ANPOLL de Linguística Textual e Análise da Conversação que lidam com tal concepção teórica costumam fundamentar as análises textuais da argumentação com os princípios dessa teoria. Trata-se, pois, de um movimento metodológico inverso, pois, neste caso, não é a LT que disponibiliza um aparato descritivo para a Teoria dos Blocos Semânticos, mas é a TBS que sugere como a LT pode explicar as interpretações argumentativas dos enunciados. Evidentemente, a TBS não poderia fornecer às análises do texto e do

discurso todas as demais inferências que precisariam explicitar, por isso a LT não pode se valer apenas de descrições semânticas da argumentação.

## **b) Segundo bloco: os estudos que seguem a Análise Textual dos Discursos, proposta por Jean-Michel Adam**

Para os linguistas textuais que adotam a perspectiva da Análise Textual dos Discursos, fundada por Jean-Michel Adam (1992; 1999; 2011), uma análise textual não pode ser engessada em si mesma. Segundo Adam (2009: 117), o texto é “uma realidade heterogênea demais para que seja possível circunscrevê-la aos limites de uma definição estrita”. Por isso, o autor propõe uma análise textual dos discursos, que englobaria a interação sociodiscursiva (análise de discurso) e a estruturação linguístico-textual (análise textual).

O espaço analítico da LT dialogaria com a Análise do Discurso apenas na medida em que pressupõe princípios caros à AD, como a noção de interdiscurso. Mas, embora a Análise Textual dos Discursos pressuponha que as unidades de análise do texto sofram o condicionamento das relações interdiscursivas, ela não se ocupa em explicá-las como finalidade última, e o investimento maior dessa perspectiva teórica do texto se encontra nos níveis ou planos da análise textual sempre relacionados aos gêneros do discurso, conforme se pode visualizar pelo esquema do próprio autor:



**Quadro 1:** Adam (2011: 204)

Dentre os níveis de análise do texto propostos por Adam, destaco o da estrutura composicional, que compreende a organização das macroproposições em agrupamentos característicos denominados sequências textuais prototípicas. O autor define sequência textual como:

uma rede relacional hierárquica: uma grandeza analisável em partes ligadas entre si e ligadas ao todo que elas constituem; uma entidade relativamente autônoma, dotada de uma organização interna que lhe é própria, e, portanto, numa relação de dependência com o conjunto mais amplo do qual faz parte (o texto). (Adam, 2011: 204).

Conforme Adam (1992), as sequências se realizam em um texto, e cada texto correspondente a um gênero do discurso, o qual exerce pressões discursivo-genéricas sobre ele. Na configuração pragmática do texto, encontram-se submódulos relacionados aos atos ilocucionários, à orientação argumentativa pragmática, à responsabilidade enunciativa, à coesão polifônica e à representação discursiva. O escopo de análise do texto envolveria, assim, o exame de operações de segmentação e de continuidade da materialidade textual, a descrição do plano de texto relativo aos gêneros discursivos, das sequências textuais, das proposições e das palavras.

No âmbito dos estudos de argumentação, a proposta de Adam é pioneira no tratamento dos aspectos composicionais dos textos que se organizam por uma sequência textual predominantemente argumentativa. Esse viés descritivo da organização composicional dos textos eminentemente opinativos é particularmente diferente de uma descrição semântica dos valores argumentativos, como na TBS, e de uma caracterização de estratégias textuais de persuasão, influenciadas pela Nova Retórica (ver, sobre isso, Catelão, 2013)

A contribuição que a Análise Textual dos Discursos e, mais especificamente, a abordagem das sequências textuais e dos planos de texto vêm dando ao ensino tem sido inegável, sobretudo no que respeita à avaliação de redação no Exame Nacional do Ensino Médio. O protótipo da sequência argumentativa é assim esquematizado por Adam (1992):



**Quadro 2:** Adam (2008:233)

Adam caracteriza a estrutura da sequência argumentativa dominante como se correspondesse à organização de um raciocínio formal: o locutor parte de uma opinião inicial, culturalmente aceita por pelo menos uma parcela da sociedade, e seleciona um conjunto de dados (argumentos) que possam conduzir o interlocutor a inferir uma conclusão que exprima uma tese (ou opinião principal desse texto). Tanto à tese inicial quanto aos argumentos, correspondem teses contrárias e argumentos que se opõem explícita ou implicitamente a eles. Dá-se, pois, um jogo de argumentação e contra-argumentação que polemiza o texto composto por uma sequência argumentativa dominante: opiniões fundadas em certos argumentos podem ser contraditadas por outras igualmente apoiadas em argumentos. Cabe ao locutor que gerencia esse debate de ideias hierarquizar os argumentos de tal maneira que o interlocutor se convença de que a opinião principal defendida é razoável.

Além dos trabalhos que se ocupam da descrição composicional dos textos, os partidários da Análise Textual dos Discursos também examinam as representações discursivas (as unidades de coerência contextualizadas); a responsabilidade enunciativa do locutor, verificando quanto de responsabilidade sobre seu dizer ele assume; os mecanismos coesivos que evidenciam essas relações polifônicas e os atos ilocucionários. Exemplos de estudos direcionados a alguns desses investimentos no GT de Linguística Textual e Análise da Conversação são as pesquisas realizadas por *Maria das Graças Soares Rodrigues*, *João Gomes Neto*, *Luis Passeggi*, *Sueli Marquesi* e orientandos.

### **c) Terceiro bloco: os estudos que adotam os critérios da Semiologia de Charaudeau**

Situam-se neste eixo os que se dedicam, no GT de Linguística Textual e Análise da Conversação, a uma aplicação dos pressupostos de Charaudeau sobre os três modos de organização do discurso: narrativo, descritivo e argumentativo. Exemplo disso são as produções científicas de *Aparecida Lino Pauliukonis*, *Eduarda Giering*, *Rosane Monnerat*, *Lúcia Helena Gouvêa* e orientandos.

Insurgindo-se contra um tipo de análise do discurso que se preocupava em desvelar as ideologias subjacentes aos discursos, Charaudeau propôs que se passasse a levar mais em conta o sujeito do discurso, analisando suas identidades e suas relações de poder. Para o autor, os indivíduos falantes, operando, na verdade, como atores, exercem influências sociais, e analisar o discurso é relacionar os fatos de linguagem a fenômenos psicossociais de *ação* e de *influência*.

A Semiologia (Charaudeau, 2005; 2009; 2010) descreve “engrenagens” de organização discursiva. Charaudeau defende que o ato de linguagem não é apenas um ato de comunicação, mas um encontro dialético, interrenunciativo entre quatro sujeitos no contrato de comunicação: os dois parceiros da instância situacional e os dois parceiros da instância discursiva.

A concepção de *influência*, pautada em pressupostos da Nova Retórica, ganha na Semiologia uma interpretação discursiva. As relações de influência se encenam na linguagem no momento em que o sujeito, tomando consciência de si mesmo ao reconhecer o outro em sua diferença identitária de sujeito falante, sente-se de algum modo “ameaçado” e busca estratégias de resolução deste problema.

A proposta da Semiologia, nas palavras do próprio autor, concentra-se, principalmente, nos seguintes direcionamentos:

Do ponto de vista discursivo, todo ato de linguagem se realiza numa situação de comunicação normatizada, composta pela expectativa da troca e pela presença das restrições de encenação (contrato de comunicação e instruções discursivas). Esta situação, com suas expectativas, define também a posição de *legitimidade* dos sujeitos falantes: o “em nome do que se fala”. Entretanto, como a legitimidade não é o todo do ato de linguagem, é preciso que os sujeitos falantes ganhem em credibilidade e saibam captar o interlocutor ou o público. Ele é, então, levado a apostar na *influência*, se valendo de estratégias discursivas em quatro direções: 1) o modo de *estabelecimento de contato* com o outro e o modo

de *relação* que se instaura entre eles; 2) a construção da imagem do sujeito falante (seu *ethos*); 3) a maneira de tocar o afeto do outro para seduzi-lo ou persuadi-lo (o *pathos*) e 4) os *modos de organização do discurso* que permitem descrever o mundo e explicá-lo segundo os princípios da veracidade (o *logos*) (Charaudeau, 2010: 58).

Semiologizar é operar escolhas para organizar os discursos e intervir em relações de poder. Analisar um gênero é observar as diferentes condições de produção dentro dessas das instâncias situacionais e discursivas. O condicionamento delas impõe restrições e escolhas aos sujeitos a partir da relação entre a situação comunicativa, a discursivização e a materialização textual. Assim sendo, embora se possa afirmar que todas as escolhas resultam em estratégias de persuasão – o que justifica a influência da Nova Retórica sobre a proposta –, o interesse de Charaudeau é a descrição da semiologização dos discursos, não exatamente o tratamento da argumentação nos discursos.

#### **d) Quarto bloco: os estudos que lançam mão dos postulados da Retórica e da Nova Retórica**

Situo aqui pelo menos três subgrupos distintos de condução metodológica dentro dos estudos do GT de Linguística Textual e Análise da Conversação. O primeiro subgrupo abriga os que tentam aplicar os pressupostos da Nova Retórica à análise das etapas de elaboração de um texto persuasivo; à análise do modo como essas etapas estão internamente dispostas no texto; à análise do *ethos* dos interlocutores; à análise das técnicas argumentativas e dos efeitos que elas provocam. Citem-se, dentre outros, os trabalhos de *Zilda Aquino*, de *Maria Flávia Figueiredo* e de *Luiz Antonio Ferreira*, de Gilton Souza, dentre outros.

O segundo subgrupo compreende as pesquisas sobre polidez linguística, que têm sido elaboradas, em nosso GT, por *Kazuê Saito Monteiro de Barros* (ver, por exemplo, Barros, 2008), por *Luiz Antonio da Silva*, por *Marise Galvão* e por orientandos. A teoria da polidez linguística se inscreve em estudos da Pragmática e não se enquadra, portanto, em nenhuma abordagem teórica da argumentação, mas, a meu ver, o uso de certos recursos linguísticos para preservar a face pode, sim, ser examinado como uma estratégia de persuasão do interlocutor, que joga com as regras de civilidade. Afinal, por

meio de marcas linguísticas de polidez, os interlocutores regulam a negociação do que pode ser socialmente adequado a um dado contexto, e essa atitude de defesa pode ser decisiva para a marcação do *ethos*, para a mobilização dos afetos e para a seleção de técnicas eficazes de argumentação retórica.

O terceiro subgrupo, em que me situo, inclui os estudos que analisam as trilhas argumentativas evidenciadas por processos referenciais, por processos intertextuais, por marcas de heterogeneidade enunciativa e por elementos metadiscursivos. Pesquisas como a de *Mariza Brito* e orientandos (como se vê neste mesmo volume; ver ainda Brito, 2010) têm analisado as finalidades persuasivas do uso de diferentes marcas de heterogeneidade enunciativa, descritas por Authier-Revuz, supondo que as não coincidência do dizer envolvem, em parte, um sujeito ciente de que a linguagem é sempre faltosa e de que, por isso mesmo, o dizer é uma negociação de muitas vozes. As marcas de heterogeneidade enunciativa não são selecionadas à toa: além de serem índice polifônicos, elas denunciam modos de o locutor se proteger do julgamento dos interlocutores e, com isso, conseguir ser mais persuasivo em seus propósitos.

Minhas pesquisas, e a de numerosos outros estudiosos do grupo Protexto, vêm analisando como os processos referenciais, os processos intertextuais e as marcas de metadiscursividade em gêneros podem indiciar o *logos*, o *ethos* e o *pathos*.

A pergunta que motivou essa visão panorâmica da relação entre argumentação e estudos que lidam com o texto e com o discurso foi o que essas diferentes abordagens teóricas guardam em comum, isto é, o que as faz conviverem no mesmo GT de Linguística Textual e Análise da Conversação. Se é óbvia a resposta de que todas elas dão um certo privilégio à “materialidade textual” e que encaram como inseparáveis do texto os aspectos discursivos, sociais e sociocognitivos, o que as distancia não é assim tão transparente, por outro lado, porque nem sempre as visões de texto, de sujeito, de intencionalidade, de discurso e de cognição coincidem.

Por isso, é imprescindível esclarecer que, para a corrente em que me situo, o texto é uma abstração, um enunciado que tem uma unidade negociada e contextualizada de coerência, além de ter início, meio e fim. Essa unidade de sentidos – objeto de análise da LT - é abstraída das relações dialogais e dialógicas e define seus limites, como *texto*, quando acontece como evento comunicativo único, irrepetível e conclusivo.

O objeto de investigação da LT não é, pois, a argumentação, nem são as práticas discursivas ou suas evidências semânticas em formações discursivas, nem é a representação cognitiva dos conceitos que embasam os sentidos textuais. Nunca foi tradição da LT propor um aparato metodológico da argumentação, embora todas as explicações relativas a estratégias de organização textual sejam justificadas pela necessidade de descrever como as unidades de análise textual podem ser arranjadas e dispostas de modo a tornar persuasivo o projeto de dizer do locutor. Não é tarefa da LT descrever as práticas discursivas em termos de suas restrições semânticas globais. Cumpre-nos descrever o *texto*, que se estabelece nessas práticas discursivas. A metodologia da LT não parte do texto para abstrações semântico-conceituais, pois isso compete à Linguística Cognitiva; nem pretende se impor, como linha de chegada, explicações sociológicas e antropológicas das práticas discursivas, pois isso é interesse das análises de discurso.

## **2. COMO A LT PODE CONTRIBUIR PARA UMA ANÁLISE ARGUMENTATIVA DO DISCURSO**

Os estudos de LT que desenvolvemos dentro do grupo de pesquisa Protexto filiam-se a uma perspectiva retórica da argumentação, mas não se prendem a modelos de análise da Nova Retórica, nem da Pragmadialética, ainda que possam atuar em interface com elas. Na verdade, a Teoria da Argumentação no Discurso, de Ruth Amossy, talvez seja a que mais se aproxime dos pressupostos argumentativos que hoje sustento.

Ruth Amossy vem propondo, desde o início dos anos 2000, uma teoria da argumentação no discurso, que integra a Nova Retórica à análise do discurso. A autora defende a necessidade de a análise do discurso incorporar a argumentação retórica como algo constitutivo.

Penso que a Teoria da Argumentação no Discurso (Amossy, 2014) pode dialogar com a Linguística Textual porque, por um lado, assim como a Nova Retórica, supõe a intencionalidade do locutor como agente social, que tem ciência de seu poder para agir sobre o outro. Mas, ao contrário da Nova Retórica, a LT não lida com a noção de sujeito soberano, que tem absoluto controle de seu dizer. Por outro lado, não lida com a

concepção de sujeito completamente constrangido por posicionamentos ideológicos. Diferentemente da AD praticada por Maingueneau e seguidores, levamos em conta a intencionalidade do sujeito e seu livre arbítrio para deixar marcas de seus posicionamentos discursivos no cotexto.

Defendo, com isso, que a LT pode contribuir para uma análise da argumentação nos discursos, pois os critérios analíticos da LT são como que motivados por uma tentativa de explicação para as escolhas textuais pelas quais o sujeito age sobre o seu dizer, reelaborando-o a todo instante, negociando-o com os prováveis interlocutores (em seus papéis sociais), para atender a seus propósitos. É justamente a suposição dessa agentividade, ou dessa actorialização, que faz a LT eleger como critérios de análise os diversos recursos de que pode se valer o locutor para persuadir a quem ele projeta como interlocutor.

O ponto de vista argumentativo que costumo seguir nem é totalmente adepto de Charaudeau, nem adota inteiramente os pressupostos de Maingueneau e converge, em grande medida, para as ideias que Amossy vem sustentando. A suposição de um sujeito capaz de iniciativa e de ação é também um traço que diferencia a análise do discurso de Maingueneau da semiolinguística charaudiana: os sujeitos têm algum poder de mudar a realidade, por isso é possível observar os empreendimentos argumentativos na conjuntura do espaço social regrado por normas institucionais, sem tratar a construção argumentativa como raciocínios abstratos.

Amossy (neste mesmo volume) reivindica uma análise do discurso que considere a interpretação de estratégias persuasivas. Para a autora, verificar a estrutura dos argumentos e os efeitos que as técnicas argumentativas surtem só faz sentido se o fizermos considerando a rede interdiscursiva e o contexto comunicacional em que eles operam. Por isso, sua proposta consiste em identificar, com base em traços linguísticos, quais os esquemas abstratos correspondentes aos tipos de argumento empregados (por analogia, por consequência, pela regra de justiça etc.). Mas, diferentemente de como procede a Nova Retórica, sua Teoria da Argumentação no Discurso cuida de explicar como os argumentos são colocados em discurso, ou como um dado discurso confere força aos argumentos selecionados, e vice-versa.

Amossy julga importante ultrapassar as análises que se concentram em compreender como os argumentos são colocados em palavras, pois isso não bastaria a

um analista do discurso. Colocar as palavras em discurso implica embutir nelas as restrições institucionais, a carga dóxica e ideológica e os jogos de poder. A autora argumenta que tanto a situação enunciativa condiciona o sujeito, dando-lhes instruções de produção e de interpretação dos atos de linguagem, quanto, por outro lado, o sujeito influencia o contexto de interação, pois realiza escolhas livres pelas quais é plenamente responsável para decidir sobre o que é mais apropriado a seu projeto de dizer. É por se apoiar nesse pressuposto de autonomia ou de agentividade do sujeito que a autora insiste na delimitação do seu tipo de análise, que eu chamaria de “retoricamente orientada”.

Ao contrário da Semiologia, que se interessa pela relação do discurso com o poder, analisando os modos pelos quais o sujeito que argumenta gera jogos de força e impõe ao outro sua influência, a teoria da argumentação no discurso de Amossy não tem programa ideológico preestabelecido e não pretende ser politicamente engajada.

Vejo como um ponto em comum entre a Teoria da Argumentação no Discurso e LT a busca de interpretação das marcas da negociação do *logos*, do *ethos* e do *pathos* nos textos. Mas a LT amplia o aparato analítico das marcações e desloca a análise primordialmente linguística de Amossy para as unidades de análise do texto. A Teoria da Argumentação no Discurso analisa esquemas de raciocínio e traços da linguagem (formas axiológicas, conectivos, modalidades) muito concentrados no léxico. Todavia, ao contrário dessa abordagem teórica, que visa analisar os esquemas de raciocínio e os traços da linguagem (como modalidades, formas axiológicas, conectivos) vinculados a relações interdiscursivas, com o intuito de explicá-las, a LT não se obriga a analisar o modo como os discursos funcionam, nem a discutir quais as lógicas socioinstitucionais que os orientam.

Analisamos, no grupo Protexito, as marcas da negociação das diferenças, que acontecem nas práticas discursivas, sempre socialmente situadas. Aceito plenamente o pressuposto da retórica aristotélica de que, nas interações humanas, em que os interlocutores se influenciam mutuamente, inúmeros recursos (que eu diria não só verbais, mas multissemióticos), micro e macroestruturais são acionados e negociados em termos de *logos*, de *ethos* e de *pathos* para a elaboração dos sentidos que atendam aos projetos de dizer do locutor.

A Linguística Textual se ocupa em descrever e explicar as estratégias de colocar em texto (isto é, de *textualizar*) os propósitos dos interlocutores que agem em práticas discursivas convencionadas como gêneros do discurso. Neste sentido, penso que a LT muito tem a dizer sobre a discriminação de parâmetros de análise que não se restrinjam a marcas lexicais, morfossemânticas e sintáticas que indiciem a modalização no confronto de pontos de vista e nos embates interdiscursivos.

Podemos contribuir para os estudos da argumentação no discurso com nosso programa analítico, que se localiza entre pesquisas descritivas e pesquisas discursivas. Penso que o escopo de análise da LT, que se restringe, por definição, ao entorno do texto, se situe em relações pragmáticas e sociocognitivo-discursivas. O empreendimento da LT não impede estudos descritivos de formas da língua que norteiem conduções argumentativas, mas jamais poderia limitar-se a essa descrição, nem deslocar-se para as abstrações semânticas que elas reclamam.

Se procede a ideia de Amossy de redefinir a retórica perelmaniana como um dos ramos da linguística do discurso, parece-me extremamente necessário incluir, nos parâmetros dessa análise, as estratégias textuais de mobilização do *logos*, do *ethos* e do *pathos*. Tais estratégias podem ser viabilizadas, a meu ver:

- pela escolha do gênero discursivo e das práticas discursivas que lhe são associadas;
- pela sequência textual dominante;
- pelos meios de organizar a manutenção e a progressão tópica;
- pelos jogos intertextuais;
- pelas marcas de heterogeneidade enunciativa e por quaisquer outras indicações do agenciamento de vozes;
- pelos indícios da referenciação;
- pelas formas de metadiscurso;
- e pelas indicações interacionais da polidez linguística.

Exemplos cotidianos podem comprovar que é muito importante olhar para as estratégias de textualização e que não basta recorrer a dêiticos, modalizadores e outras

formas lexicais para explicar os pontos de vista que os interlocutores agenciam na construção argumentativa dos texto. Vejamos o texto a seguir:



Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=bela,+recatada+e+d%C3%B3lar&client=gmail&rls=aso&authuser=0&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=oahUKEwiFzuKom5vOAhWFIJAKHZL3A9YQ7AkILA&biw=1366&bih=599> - acesso em 30/07/2016.

Para entender por que um meme atinente a Michel Temer e a sua esposa exhibe a imagem do casal Cunha, é preciso, primeiro, saber em que prática social esse gênero foi empregado e que prática discursiva é tipificada e reiterada por esse gênero. Uma das primeiras indagações que um linguista do texto se faria é por que esse gênero foi escolhido para tal fim. Trata-se de um gênero que poderia ser chamado talvez de cartum (Ramos, 2012), ou de um *post* com meme (“Bela, recatada e do lar”), não exatamente uma charge, pelo suporte que o veicula. Provavelmente, foi selecionado pelo locutor por se tratar de um gênero muito popular, propício a viralizar os memes, e por ter enorme circulação, permitindo atingir rapidamente a muitos usuários de redes sociais.

Essa prática discursiva tem sido escolhida pelos internautas para poderem, fácil e diligentemente, expressarem seus pontos de vista, mas de maneira por vezes velada. A implicitude de textos, nesses casos, é elaborada por alusões intertextuais, e a alusão é um fenômeno intertextual de referência indireta a outros textos. Gêneros desse tipo são constitutivamente intertextuais, como diria Miranda (2010), porque, necessariamente, “derivam” de outro texto (Genette, 2010<sup>2</sup>), e o fazem exatamente para poderem reproduzir os memes e confirmar seu caráter viral na internet.

---

<sup>2</sup> O original data de 1982.

Esta postagem deriva de um artigo sobre a esposa do vice-presidente Michel Temer, Marcela Temer, publicado, em 18 de abril de 2016, pela revista *Veja e* intitulado "Bela, recatada e do lar". A manchete provocou uma avalanche de memes, como este, e reações das mais diversas na internet. Neste *post* com meme, em particular, Eduardo Cunha e sua esposa figurativizam um contexto que originalmente retratava o presidente em exercício Michel Temer, por isso só indiretamente se refere a ele. Tal estratégia de alusão intertextual é bastante eficaz para provocar associações entre contextos sociais e para possibilitar ao locutor a oportunidade de deixar implícito um posicionamento crítico sem afirmá-lo diretamente. Com esse recurso, o locutor se exime da responsabilidade enunciativa de assumir claramente um posicionamento acusatório a esses representantes políticos.

Quando o meme expresso pelo enunciado verbal "Bela, recatada e do lar" é acrescido à foto do casal Cunha, os referentes introduzidos via imagem se recategorizam ao serem retomados por essa predicação imputada, agora, à esposa de Cunha. Os referentes passam a permitir inferências do tipo: "É muito fácil ser bela e recatada quando se tem muitos dólares, sobretudo quando os cartões de crédito são pagos por contas secretas na Suíça..." Assim, o trocadilho "do lar" e "dólar" leva a dois referentes bem distintos: a) uma esposa do lar, recatada; b) e muito dólar.

A recategorização dos referentes é facilitada, neste exemplo, pela sequência textual descritiva que organiza as informações no cotexto. Por meio da descrição, elabora-se uma estratégia metadiscursiva de posicionamento do locutor (Hyland, 2005) em relação às atitudes de Cunha (mas, indiretamente, também às de Temer) que ele reputa como condenáveis, razão por que as ridiculariza. Os *posts* com meme circulam livremente nas redes sociais, e ninguém se responsabiliza pela autoria dos posicionamentos ali indiretamente firmados. A carga de humor, geralmente associada a esses *posts*, cumpre uma dupla finalidade metadiscursiva: aponta para o posicionamento do locutor e engaja o interlocutor no risível.

A referência a Cunha e à sua esposa indicia a alusão a um conjunto de denúncias que pesam contra o ex-presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), acusado de ter realizado gastos altíssimos, em dólar, com viagens ao exterior, junto com a mulher Cláudia Cruz e a filha Danielle. Também é acusado de muitos outros crimes por corrupção e lavagem de dinheiro.

Como se vê, é preciso considerar o que cada tipo de gênero discursivo comporta em termos de criatividade no uso de estratégias de textualização, como os processos referenciais que emergem das pistas do contexto e que podem ser de toda ordem de recursos multissemióticos. Além disso, é necessário considerar as relações de implicitude que os apelos intertextuais por referência e por alusão produzem. E esta é uma demonstração bastante simples dos recursos analíticos que a LT pode prover a um estudo da argumentação no discurso.

## CONCLUSÃO

Neste trabalho, após apresentar um panorama das abordagens da argumentação em textos, que vêm sendo realizadas no âmbito dos estudos do GT da ANPOLL de Linguística Textual e Análise da Conversação, defendi o ponto de vista de que as estratégias de textualização podem servir a uma análise criteriosa da argumentação e da coerência em qualquer texto de qualquer gênero. Muitos dos recursos de textualização podem ser fundamentais para a construção do *ethos* e para a manipulação do *pathos* dos interlocutores. Creio que os recursos de mobilização do *logos* devam, pois, incluir o modo como as unidades de análise do texto são selecionadas e organizadas para a constante negociação e reelaboração dos sentidos. Por isso, o projeto programático da LT, que se localiza entre estudos descritivos e estudos discursivos, considerando os lugares sociais em que o texto se inscreve e as relações interdiscursivas que o atravessam, pode ser útil a uma análise argumentativa dos discursos.

A LT aproxima-se da Nova Retórica apenas quanto à preocupação em negociar a seleção de elementos multissemióticos e dispô-los da maneira mais adequada possível às configurações de sentido vinculadas às finalidades persuasivas do momento. Dentre esses elementos formais, podem estar as técnicas argumentativas, mas não apenas, e não simplesmente para classificar segmentos textuais como raciocínios que levem à adesão. A LT concebe as relações dialógicas e as motivações argumentativas como constitutivas de todo fazer textual de toda construção da *textualidade*.

Os expedientes argumentativos não são produtos expostos em prateleiras para serem escolhidos - eles advêm de escolhas retórico-discursivas, por isso, para nós, são

sempre construções e reconstruções permanentemente negociadas pelos interlocutores em situações enunciativas particulares. Assim sendo, como afirmam Grácio e Mosca (neste mesmo volume), todas essas escolhas são perspectivizadas numa lógica do preferível, que determina o que é valorizado ou desvalorizado, o que pode dar força a certos pontos de vista em cada interação específica.

As estratégias de textualização – objeto de estudo da LT - vão desde a acomodação do dizer a um gênero do discurso, à adaptação a um modo de organização do texto em sequências dominantes e inseridas, às tentativas de marcar linguisticamente as normas de polidez que regulam qualquer interação, à tematização e à perspectivização da coerência discursivamente contextualizada, à negociação dos processos referenciais, à marcação dos jogos intertextuais, das heterogeneidades enunciativas e das reflexões metadiscursivas sobre os modos mais adequados de colocar em texto.

É na dimensão do texto que a argumentação se evidencia. Se, para Amossy, a argumentação é constitutiva do discurso, penso que, para a LT, é na dimensão das relações de *textualização* que a argumentação se inscreve, em total dependência com as relações de coerência textual. A argumentação é constitutiva do discurso, mas é no texto que ela se expressa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ADAM, Jean-Michel. Le prototype de la séquence narrative. In: \_\_\_\_\_. *Le textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992. p. 45-74.
2. \_\_\_\_\_. *Linguistique textuelle: des genres de discours aux textes*. Paris: Edições Nathan, 1999.
3. \_\_\_\_\_. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.
4. \_\_\_\_\_. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

5. \_\_\_\_\_. Quadro teórico de uma tipologia sequencial. In: BEZERRA, Benedito Gomes; BIASI-RODRIGUES, Bernadete; CAVALCANTE, Mônica Magalhães (Org.). *Gêneros e seqüências textuais*. Recife: Edupe, 2009. p. 115-132.
6. AMOSSY, R. *Apologie de la polémique*. Paris: Presses universitaires de France (PUF), coll. L'Interrogation philosophique, 2014.
7. \_\_\_\_\_. É possível integrar a argumentação na análise do discurso? Problemas e desafios. *ReVEL*. Porto Alegre: UFRGS, edição especial, 2016.
8. BARBISAN, L.; GRAEFF, T. A referenciação na ótica da semântica argumentativa. *ReVEL*. Porto Alegre: UFRGS, edição especial, 2016.
9. BARROS, K.S.M. Estratégias de (im)polidez em interações acadêmicas virtuais. *Revista latino-americana de estudos do discurso*. Recife: UFPE, 2008.
10. BRITO, M.A.P. *Marcas linguísticas da interpretação psicanalítica - heterogeneidades enunciativas e construção da referência*. Tese /Doutorado em Linguística/. Fortaleza: UFC, 2010.
11. \_\_\_\_\_. O uso argumentativo das não coincidências do dizer. *ReVEL*. Porto Alegre: UFRGS, edição especial, 2016.
12. CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Orgs.) *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-27.
13. \_\_\_\_\_. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro : Contra Capa, 2009, p. 309-326.
14. \_\_\_\_\_. Um modelo sociocomunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização. In: Grenissa Stafuzza e Luciane de Paula (org.) *Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil*, Edufu, Uberlândia, 2010.
15. DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
16. \_\_\_\_\_. Os *topoi* na teoria da argumentação na língua. Tradução de Rosa Attié Figueira. *Revista Brasileira de Letras*, São Carlos, UFSCar, v. 1, n. 1, p. 1-11, 1999.
17. DUCROT, O.; CAREL, M. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 7-18, jan./mar. 2008.

18. \_\_\_\_\_. Atualização da polifonia. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 6, n. 1, p. 9-21, jan./jun. 2010.
19. GENETTE, Gérard. Tradução de Cibele Braga et al. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.
20. GRÁCIO, R. A.; MOSCA, L.S. A importância da *Nova Retórica* para a compreensão de textos opinativos. *ReVEL*. Porto Alegre: UFRGS, edição especial, 2016.
21. MIRANDA, Florencia. *Textos e gêneros em diálogo: uma abordagem linguística da intertextualização*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
22. RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

**ABSTRACT:** This study reflects on the different ways to deal with the issues of argumentation in the tradition of studies in Text Linguistics in Brazil, so it discusses the interfaces that Text Linguistics has been creating with two theoretical perspectives of the argumentation: the Theory of Semantic Blocks and the New Rhetoric, besides reflecting on how the argumentative studies go through approaches of the discourse and of the text. After these thoughts, this study justifies why the Theory of Argumentation in the Discourse holds points of view that are close to the theoretical principles of Text Linguistics and suggests that the units of analysis of the text be considered as analytical criteria when interpreting language choices that show the argumentative orientation and the discursive polemics in the texts.

**Keywords:** approaches of argumentation; textualization strategies; Text Linguistics; Theory of Argumentation in the Discourse.